

CABRAL

Introdução: João Pedro Stedile (Brasil) – Luís Fonseca (Cabo Verde)

AMÍLCAR
CABRAL



1804 Books (USA)
<https://1804books.com/>



Batalla de Ideas (Argentina)
www.batalladeideas.com.ar



Editorial Caminos (Cuba)
www.ecaminos.org



Combatiente editorial (Peru)
www.gatoviejoediciones.com



Dandara (Brasil)
<https://dandaraeditora.com.br/>



Expressao Popular (Brasil)
www.expressaopopular.com.br



Editorial El colectivo (Argentina)
<https://editorialelcolectivo.com/>



Fondo Editorial Casa de las Americas
(Cuba)



Fundação Amílcar Cabral
(Cabo Verde)
amilcabcabral.cv



Funilaria (Brasil)
www.editorafunilaria.com.br



Idea (Romania)



LeftWord (India)
www.mayday.leftword.com



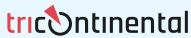
Nava Telangana (India)
www.navatelanganabooks.com



Red Star Press (Italy)
www.redstarpress.it



La trocha (Chile)
latrochaeditorial.com



Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
www.thetricontinental.com



Editorial Trinchera (Venezuela)
<https://editorialtrinchera.com>



Vadell y hermanos (Venezuela)

ZALOŽBA

** cf.*

Založba /*cf (Slovenia)
www.zalozbacf.si

Sumário

Introdução: Amílcar Cabral, a Vida de um Socialista Revolucionário	9
<i>Desmond Fonseca</i>	
Centenário de um simples africano	19
<i>Luís Fonseca</i>	
AMÍLCAR CABRAL: um legado para os tempos atuais	25
<i>João Pedro Stedile</i>	
Na vanguarda da luta: carta ao 23º Congresso do PCUS	31
Discurso ao 50º aniversário da Revolução de Outubro.....	35
Uma luz fecunda ilumina o caminho da luta: Lenin e a luta de libertação nacional	39

Introdução: Amílcar Cabral, a Vida de um Socialista Revolucionário

DESMOND FONSECA¹

Amílcar Cabral nasceu nove meses depois da morte de Vladimir Lenin e alguns anos após os primeiros passos da União Soviética como o primeiro Estado socialista do mundo. Como se vê nesta coletânea de textos inéditos, Cabral escreveu que o grande revolucionário russo Vladimir Lenin nasceu mais ou menos na mesma época que o imperialismo. Enquanto o nascimento do revolucionário russo coincidiu com o do imperialismo, o de Cabral coincidiu com a chegada do campo socialista e da Terceira Internacional – a Internacional Comunista – que se comprometeu a apoiar os movimentos de libertação das colônias e alterou o famoso dito de Marx e Engels “trabalhadores do mundo, uni-vos!” para “trabalhadores e povos oprimidos do mundo, uni-vos!”

Na mesma época, Portugal colonial seguia os passos da Itália fascista e antecipava as manobras da Alemanha nazista ao suspender os direitos democráticos burgueses e estabelecer um governo

¹ Desmond Fonseca é doutorando no Departamento de História da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e está concluindo uma dissertação sobre a luta africana contra o colonialismo português através de um estudo sobre a liderança de Amílcar Cabral e do PAIGC. Ele atuou como editor-chefe da *Ufahamu: A Journal of African Studies* e editou a primeira publicação em inglês da biografia política de Mario Pinto de Andrade, publicada como *Amílcar Cabral: A Political Life in Motion*.

militar de extrema-direita. Revoluções estavam sendo esmagadas em toda a Europa Ocidental, o que foi um golpe não apenas para as classes trabalhadoras de vários países europeus, mas também para os trabalhadores e camponeses oprimidos da periferia, que tinham alguma esperança de que a Primeira Guerra Mundial traria a liberdade, como havia trazido para os povos colonizados do derrotado Império Russo. O golpe militar de 1926 em Portugal levaria a quase cinquenta anos de um governo colonial e antidemocrático ininterrupto nos confins mais a oeste da Europa. Este foi o contexto em que Amílcar Cabral nasceu e no qual ele teria um papel central em sua mudança.

Filho de dois cabo-verdianos, Cabral nasceu na pequena cidade de Bafatá, na então Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau). Ele fazia parte de uma classe de cabo-verdianos que crescia rapidamente e que viria a trabalhar como funcionários coloniais na Guiné “Portuguesa”. Cabo-verdianos e guineenses sempre viveram juntos em harmonia, mas a destruição colonial da economia política da Guiné e o empobrecimento da população cabo-verdiana por meio do abandono e da fome levaram a uma realidade chocante: no final da Primeira Guerra Mundial, às vésperas do nascimento de Amílcar Cabral, aproximadamente 70% de todos os funcionários coloniais na Guiné eram de ascendência cabo-verdiana. Apesar dos horrores da fome e da seca que assolavam a grande maioria da população cabo-verdiana, uma parte dela tinha permissão para avançar no sistema de ensino colonial com muito mais facilidade do que no resto dos territórios coloniais portugueses na África, principalmente para que pudessem fazer o trabalho pesado de administrar as colônias de Portugal – os cabo-verdianos eram, portanto, predominantes como funcionários coloniais tanto na Guiné quanto em Angola.

Este foi o ambiente em que Cabral nasceu. Passando seus primeiros anos na Guiné com o pai – um professor cabo-verdiano educado em um seminário católico –, Cabral mudou-se para Cabo Verde para cursar o ensino médio na adolescência, onde sua

mãe trabalhava numa fábrica de curtimento de peixe e se esforçava para ganhar mais do que alguns centavos depois de trabalhar várias horas por dia. Diante do ambiente pesado e opressivo da colônia, Cabral desenvolveu um amor pela poesia e pelo país de origem de seus pais:

Dizem que os campos se cobriram de verde,
a cor mais bela, porque é a cor da esperança.
Que a terra, agora, é verdadeiramente um cabo verde.
– E a tempestade se tornou uma cornucópia...

Foi também aqui que Cabral viu com seus próprios olhos os horrores da fome. A falta de chuvas em 1940, somada às políticas agrícolas negligentes de Portugal e ao confisco de grãos e alimentos para vender aos países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, levou à morte e à destruição catastróficas da população caboverdiana na década seguinte. Em várias ilhas, mais da metade da população morreu. Em termos de proporção, foi uma das fomes mais mortais da história humana. Essas fomes eram uma característica permanente e recorrente da vida nas ilhas de Cabo Verde. Em seus poemas, Cabral sonhava em libertar sua terra natal da privação e da devastação.

Sobrevivendo às fomes e mantendo as notas mais altas (quando as aulas ocorriam), Amílcar foi para Portugal estudar agronomia – sem dúvida, levado a esse curso por sua experiência com a fome e a seca. Em Portugal, ele rapidamente se juntou a grupos estudantis antifascistas, como um dos poucos estudantes africanos negros na metrópole. As relações de Amílcar com a juventude portuguesa antifascista continuam sendo uma área pouco estudada de sua vida até hoje.

Mais conhecida é sua incipiente atividade anticolonial com alguns poucos estudantes africanos em Portugal na época. Como parte da Casa dos Estudantes do Império (ironicamente, a “Casa dos Estudantes do Império”) e do Centro de Estudos Africanos, Cabral e a juventude nacionalista – inspirados pela onda de lutas de libertação nacional no pós-Segunda Guerra – começaram a es-

tudar e discutir clandestinamente as questões urgentes da época: a negritude, o desenvolvimento, a cultura, o colonialismo e, o mais tabu para as autoridades coloniais, a independência. Nessa época, Cabral leu pela primeira vez *A Questão Agrária*, de Vladimir Lenin, que ele menciona nesta coletânea como o momento em que finalmente teve acesso àquele “fruto proibido” que “tinha o sabor mais doce”. Sementes de revolução estavam sendo plantadas, e a práxis de Amílcar Cabral começava a amadurecer.

Em reuniões secretas em apartamentos, Cabral e os demais estudantes nacionalistas discutiam tudo isso sob o disfarce do sigilo, tocando música alta nos alto-falantes para evitar a polícia política portuguesa. Gigantes do anticolonialismo africano – Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Marcelino dos Santos e outros – faziam parte desse círculo, mas era Cabral que se destacava acima de todos. É por isso e por outros motivos que Pinto de Andrade, membro fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), batizaria essa época de estudantes universitários de Geração de Cabral.

As Revoluções Chinesa, Vietnamita, Argelina e Coreana dividiam ainda mais o mundo em dois – os imperialistas e os anti-imperialistas – e os africanos colonizados pelos portugueses precisavam entrar na ação. Lembrando dos horrores de sua adolescência, Cabral concluiu seu mestrado com as notas mais altas e se preparou para uma carreira lucrativa como agrônomo. Mas, como escreveu em cartas à sua primeira esposa, que conheceu em Portugal, ele foi chamado a seguir uma carreira de libertação, e não de enriquecimento pessoal, como era o privilégio de sua classe:

O que me chama são milhões de indivíduos que precisam da minha contribuição na ingrata luta que travam com a Natureza e com os homens... Lá, onde a Tecnologia e a Ciência ainda são sombras, onde a Natureza, rica em segredos, virgem de riquezas e segredos, oferece àqueles que querem trabalhar e fazer algo pelos Homens, as razões mais interessantes com relação à profissão que escolhemos. Lá, onde a vida me chama, onde terei de viver parte da minha vida porque a própria vida precisa de mim.

Aos vinte e sete anos, em 1952, Cabral conseguiu o cargo de diretor de uma fazenda experimental em Pessube, Guiné. De sua grande casa e acomodações confortáveis na Guiné, Cabral começou a ter conversas iniciais com um pequeno grupo de guineenses e cabo-verdianos (incluindo os futuros primeiros presidentes de ambas as nações, e também uma portuguesa chamada Sofia Pomba Guerra, que era membro do Partido Comunista Português) sobre o futuro de suas terras natais. Como em Portugal durante seus dias de universidade, essas reuniões eram realizadas sob a mais estrita clandestinidade. Enquanto os adultos conversavam num quarto dos fundos, a sobrinha de Cabral ficava de guarda, entrando na sala apenas quando aparecia ou passava alguma pessoa inesperada, sinalizando para todos se levantarem e dançarem como se estivessem apenas numa festa – e não se organizando para a libertação de seu país.

Os portugueses acabaram ficando desconfiados das atividades de Cabral, e seu contrato com a fazenda experimental em Pessube não foi renovado em 1955. No entanto, Cabral manteve-se como agrônomo por mais um tempo. Os empregos que Cabral conseguiu – consultoria para várias empresas agrícolas em Portugal, Guiné e Angola – deram-lhe a capacidade, a mobilidade e a estabilidade para viajar frequentemente por motivos políticos. Os angolanos eram os mais avançados entre os africanos colonizados pelos portugueses, e Cabral era uma parte fundamental desse nexo emergente. Realizando pesquisas agrícolas em Angola, Cabral esteve presente durante a fundação do Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUAA) em 1953, que acabaria se fundindo com outras organizações para se tornar o MPLA. Refletindo sobre seu tempo na Guiné e em Angola...

No entanto, Cabral foi proibido pelos portugueses de entrar na Guiné, exceto para visitar a família próximo a seu aniversário, em 12 de setembro. É por isso que a história do PAIGC está marcada por dois momentos importantes. O primeiro é 19 de se-

tembro de 1956, quando Cabral e outros cinco se reuniram na Guiné para formar oficialmente o partido que seria o veículo revolucionário utilizado pelo povo da Guiné e de Cabo Verde para conquistar sua independência. O segundo é uma famosa reunião de quadros após o Massacre de Pidjiguiti, em 3 de agosto – onde os portugueses massacraram dezenas de estivadores em greve que estavam sendo organizados, pelo menos em parte, pelo embrião do PAIGC – quando Cabral ordenou o fim da atividade urbana do partido, que visava conquistar a independência por meios não violentos. Os quadros do partido foram enviados para a floresta para organizar a população para a luta armada, para conquistar sua libertação pela força.

Com isso, Cabral juntou-se a figuras como Mao, Ho Chi Minh, Fidel e aos milhões de homens e mulheres em todo o mundo que, até 1960, haviam sido compelidos pelas forças do imperialismo a pegar em armas e lutar por sua dignidade como seres humanos. Uma vez “apenas” um poeta talentoso, um agrônomo brilhante e um precoce militante político, Cabral logo se tornaria um mestre em táticas militares, assuntos diplomáticos e análise teórica, e um organizador partidário. Sempre metódico, a luta armada na Guiné só começou em 1963, após quatro anos de profundo preparo na floresta. As primeiras vitórias militares foram recebidas com desafios severos na organização do partido, muitos dos quais foram corrigidos no primeiro congresso do partido em Cassacá, liderado por Cabral em 1964. As famosas “zonas libertadas” foram implementadas após o congresso, e a liderança de Cabral tornou-se conhecida além dos confins da África Lusófona.

No mesmo ano, o trabalho de Cabral chamou a atenção de um revolucionário médico argentino que estava estacionado com alguns guerrilheiros no Congo. Che Guevara, durante sua passagem pela África como representante do governo revolucionário cubano, fez questão de parar na Guiné e conhecer o dirigente do PAIGC antes de voltar para a ilha socialista a 150 quilômetros dos

EUA. Quando chegou à Guiné, Che surpreendeu-se ao saber que Cabral estava em uma missão importante. Se quisesse encontrá-lo, teria que esperar alguns dias, se não semanas; o que ele fez. Após o encontro dos dois revolucionários, foram feitos acordos entre o PAIGC e o governo cubano para enviar vários recursos ao movimento de libertação. Pouco tempo depois, Cabral e o PAIGC receberiam um convite para participar da agora aclamada Conferência Tricontinental em Havana, um ano depois. Foi aqui que Cabral proferiu o que ainda é uma leitura obrigatória para todos os anti-imperialistas: o discurso “A Arma da Teoria”. A importância da ideologia, da luta de classes, do desenvolvimento das forças produtivas, do suicídio de classe, dos Estados socialistas revolucionários e muito mais foi exposto nesse texto.

Cabral recebeu uma calorosa recepção de todos os revolucionários presentes, notadamente Fidel Castro, com quem compartilhou uma longa audiência privada após o discurso, e dos representantes do Partido Comunista da União Soviética, aos quais Cabral escreveu calorosamente após a conferência. Se houve um evento que marcou Cabral como uma figura de importância histórica mundial, foi a Tricontinental.

O trabalho de Cabral na direção do PAIGC continuaria diligentemente pelos próximos sete anos de sua vida. Muitos outros discursos foram feitos e que perduram até hoje, táticas militares foram concebidas e viagens diplomáticas foram organizadas, onde Cabral conseguiu organizar importantes recursos de guerra e humanos que seriam fundamentais para derrotar finalmente os portugueses na Guiné – o mais importante desses foram, sem dúvida, os mísseis Strela enviados pela União Soviética. O partido que Cabral construiu se fortaleceu continuamente, cujo maior exemplo foi o seminário de quadros do PAIGC de 1969 em Dakar.

Até seu assassinato, em 19 de janeiro de 1973, Cabral dava instruções detalhadas a seus comandantes mais confiáveis, como Pedro Piões, sobre como a próxima fase da luta deveria ser condu-

zida. A luta continuou enquanto seu funeral era realizado em Conacri, com a presença de revolucionários pan-africanistas como Sekou Touré, Amiri Baraka e Kwame Ture. A luta certamente continuou sem Cabral e continuou vitoriosa. Como a luta teria sido conduzida se Cabral tivesse visto o final da fase de libertação nacional, no entanto, nunca saberemos. Como teria terminado a luta de libertação, já que foi a enorme ofensiva do PAIGC contra as forças armadas portuguesas, lançada em resposta à morte de Cabral, que levou à vitória militar? A devastadora divisão do PAIGC em 1980 teria sido evitada? Como seria o processo de reconstrução socialista na Guiné-Bissau e em Cabo Verde sob a liderança de Cabral? Como Cabral teria navegado pela mudança da ordem global nas décadas de 1980 e 1990? O socialismo teria um representante estatal na África hoje?

Nunca saberemos. Ele teria apenas sessenta e seis anos – muito mais jovem que Mao e Fidel, que governaram até depois dos sessenta anos – quando a União Soviética foi desmantelada, no mesmo ano em que o partido em Cabo Verde foi esmagado nas eleições multipartidárias por uma oposição neoliberal de direita formada por ex-membros do partido. O assassinato de Cabral interrompeu uma rica experiência e lições de um dos maiores pensadores e militantes do século XX. Até Lenin, cuja vida brilhante chegou ao fim aos 54 anos, pôde governar na Rússia revolucionária e na União Soviética por quase sete anos.

1973 foi um ano difícil para os revolucionários, para além do assassinato de Cabral. Salvador Allende foi derrubado e executado em um golpe apoiado pelos EUA, junto com milhares de outros socialistas, levando o neoliberalismo ao seu primeiro teste de fogo desastroso no Chile. Mao encontrou-se com Nixon e aprofundou ainda mais a desorientação do movimento socialista mundial em torno da China e da União Soviética. O embargo do petróleo pela OPEP mergulhou a economia dos EUA e do mundo em uma recessão, mas também acelerou a virada do império ao neoliberalismo e marcou uma mudança negativa

de longo prazo nas perspectivas econômicas dos países socialistas. Internamente, a COINTELPRO (programa de contra-espionagem do FBI) havia esmagado uma esquerda revolucionária emergente nos EUA.

2024 foi o centenário do nascimento de Cabral e da morte de Lenin. A esquerda ainda enfrenta imensos desafios hoje. O principal deles é o genocídio contínuo de Israel contra o povo palestino – e agora o libanês –, financiado, armado e supervisionado com o total apoio dos Estados Unidos e seus parceiros menores no imperialismo, atingindo horrores sem paralelo no século XXI. Internamente, no Ocidente, a extrema-direita obteve ganhos não vistos desde o período anterior à Segunda Guerra Mundial. A guerra híbrida liderada pelos EUA é rampante contra os países socialistas e progressistas da América Latina. O governo neoliberal do Quênia está servindo como uma face negra para o imperialismo no Haiti, enquanto a pilhagem ocidental do Congo, facilitada pelas milícias financiadas por Ruanda e Uganda de Paul Kagame e Yoweri Museveni, leva à morte e ao deslocamento angustiantes que alimentam a produção capitalista.

Mas a luta continua. A Palestina incendiou o movimento anti-imperialista global com sua heroica resistência. Movimentos socialistas e anti-imperialistas estão em ascensão na Europa e nos Estados Unidos. Os governos da Venezuela e de Cuba permanecem firmes diante de bloqueios criminosos e tentativas de golpe. A Aliança dos Estados do Sahel (Mali, Níger, Burkina Faso) continua a traçar um modelo de independência e pan-africanismo genuíno. Como escreve Cabral em sua homenagem a Lenin, “o imperialismo matou e continua a matar o capitalismo” e, ao fazê-lo, abriu caminho para o socialismo.

Como os leitores verão neste livro, Cabral falou sobre a irreversibilidade da revolução socialista mundial sinalizada pela Revolução de Outubro no início de sua vida e levada adiante pelas revoluções da Guiné e de Cabo Verde lideradas pelo PAIGC durante sua vida adulta. A derrubada da União Soviética marcou o

retrocesso (por enquanto) desses projetos particulares, mas o movimento internacional que eles representavam continua em uma nova fase. A tese que declarava o “fim da história” foi totalmente desmascarada pelo movimento das massas em todo o mundo. A revolução não está distante. A vida e a liderança revolucionária de Vladimir Lenin e da Revolução Bolchevique, de Amílcar Cabral e da Revolução do PAIGC, provam que isso já foi possível. A relevância contínua de seu pensamento e de sua práxis destaca a realidade proferida e encarnada pelo líder do Partido dos Panteiras Negras e revolucionário Fred Hampton: “Você pode matar um revolucionário, mas não pode matar a revolução”.

Viva Lenin!

Cabral Ka Muri! (Cabral não morreu!)

Outubro de 2024

Centenário de um simples africano

LUÍS FONSECA¹

“Um simples africano” “cumprindo o seu dever no contexto do seu tempo”, como ele próprio se descrevia, Amílcar Cabral ganhou projeção universal ao conceber e dirigir através da organização que ele criou, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), a mais bem-sucedida luta de libertação nacional das antigas colônias portuguesas em África, derrotando o exército colonial, contribuindo para o derrube da ditadura em Portugal e a extinção do seu império colonial, levando à fundação de dois Estados soberanos, a Guiné-Bissau e Cabo Verde, e influenciando poderosamente a posterior evolução e reconfiguração política do continente africano.

O que distingue e projeta Amílcar Cabral é a excepcional conjugação de atributos reunidos na sua personalidade enquanto líder político carismático, diplomata exímio e sagaz estratega militar, assim como produtor de um fecundo pensamento teórico resultante das suas reflexões sobre a luta (e sua tradução na ação revolucionária) que abarcam diversos domínios do conhecimento humano.

Essas múltiplas facetas e a influência que exerceu e continua a exercer sobre muitos intelectuais contemporâneos fazem de Ca-

¹ Celebrou-se, em 2024, o centenário do nascimento de Amílcar Cabral.

bral uma das mais prestigiadas figuras do continente africano do século XX e uma referência obrigatória entre os pensadores da atualidade, o que se reflete na abundante produção de obras publicadas sobre a sua vida e seu pensamento. Renomados escritores, pensadores, artistas e ativistas sociais de todos os continentes por diversas formas manifestam por ele a sua especial admiração e muitos deles reconhecem a influência de Amílcar Cabral no seu próprio percurso e opções, sendo considerável a quantidade de obras científicas e de arte que lhe têm sido dedicadas. Outrossim, grande número daqueles que ainda nos nossos dias são levados a lutar pelos ideais de justiça, progresso, liberdade e igualdade, continuam a encontrar inspiração e orientação nos seus escritos e no seu exemplo.

Para homenagear esta excepcional personalidade, a Fundação Amílcar Cabral, criada por companheiros e seguidores Cabral, depositária de grande parte do acervo material e imaterial por ele deixado, e cujo objetivo central é preservar e divulgar o seu legado, vem promovendo uma série de atos comemorativos e, bem assim, incentivando as instituições e entidades nacionais, africanas e do resto do mundo que valorizam esse patrimônio, a se lhe juntarem na celebração do Centenário.

A União Internacional de Editoras de Esquerda (IULP, na sigla em inglês) que reúne mais de 40 editoras do Sul Global associa-se às celebrações e publica em diversas línguas dois textos de Cabral – *Lenin e o movimento de libertação nacional* e *Discurso no 50º aniversário da revolução de outubro*.

Por notável coincidência, o centenário de Amílcar Cabral ocorre no mesmo ano em que se comemora outro centenário importante, o do falecimento de Vladimir Ilitch Lenin, o que convida a revisitar as reflexões de Cabral sobre essa figura marcante do século XX e sobre o extraordinário acontecimento histórico em que lhe coube o papel determinante.

A leitura desses textos não nos deixa dúvidas quanto à grande admiração que Lenin e o seu maior triunfo – a criação da

União Soviética – despertavam em Cabral. Para Cabral Lenin foi, “um revolucionário consequente, [...] um filósofo e um sábio cuja grandeza só é comparável à dos maiores pensadores da humanidade” sendo que “a grande Revolução de Outubro [...] modificou o destino não apenas do povo russo, mas da humanidade”.

Entretanto, é interessante notar que, a par do rico conteúdo e da elegância dos textos destinados a audiências oficiais constituídas por políticos e acadêmicos, deliberadamente ou não, Cabral, o pedagogo da revolução como Paulo Freire o caracterizou, acabou por produzir verdadeiras peças didáticas que provavelmente acabariam por ser mais úteis aos seus próprios camaradas do que às ilustres assistências que o escutaram. Daí, talvez, a sua preocupação de pessoalmente rever o registro do seu improvisado no Simpósio de Alma-Ata em homenagem a Lenin, e de o fazer publicar através do Departamento de Informação do PAIGC.

Particularmente no texto sobre Lenin, Cabral realça o exemplo do seu comportamento e coerência como características a cultivar pelos combatentes da liberdade assim como o imperativo de observar a ética revolucionária, questões para as quais nunca se cansou de chamar a atenção dos responsáveis e dirigentes do Partido, nos encontros formais ou informais que com eles mantinha e que se encontram documentados.

No texto em referência ele diz o seguinte:

No âmbito geral do movimento de libertação nacional, especialmente em condições como as nossas, o comportamento moral do combatente, em particular dos dirigentes, é um fator primordial que pode influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento. É evidente que a luta é essencialmente política, mas as circunstâncias políticas, econômicas e sociais – históricas – em que se estrutura e desenvolve o movimento, conferem aos problemas de natureza moral uma particular importância, devido principalmente às fraquezas próprias do movimento nacional de libertação nas colônias, ao oportunismo ou às possibilidades de oportunismo que o caracterizam, às pressões e manhas utilizadas pelo inimigo imperialista, assim como à dificuldade, mesmo a impossibilidade de um controle do movimento e dos seus chefes pelas massas populares nacionalistas.

Mas, o extraordinário nesse texto é como a descrição laudatória da figura de Lenin se aplica perfeitamente, sem qualquer alteração ao próprio autor:

[...] foi um exemplo de coerência consigo mesmo e de coerência entre as palavras e os atos. Soube, através de toda a evolução característica da sua personalidade, permanecer igual a si mesmo na verticalidade das suas opções e dos seus atos. Estes sempre corresponderam às suas palavras, pois soube rejeitar o verbalismo fácil, a adulação e a demagogia. [...] foi um exemplo de honestidade, de probidade, de sinceridade e de coragem. Sempre colocou acima de todas as suas conveniências a necessidade de observar rigorosamente os deveres da moral e da justiça, recusar a mentira e praticar a verdade, sejam quais forem as consequências ou os problemas que possa criar.

[...] Sempre considerou o homem como o valor supremo do Universo. A sua dedicação às crianças tornou-se lendária pois, para ele, esses seres delicados e tantas vezes incompreendidos, vítimas inocentes da exploração do homem pelo homem, são as flores da humanidade, a esperança e a certeza do triunfo de uma vida de justiça.

Que melhor descrição poderá haver a propósito deste “simples africano” cujo centenário celebramos agora?

Nos dias de hoje, com o desaparecimento da URSS e do campo socialista, poder-se-á questionar quanto à validade de textos que exaltavam a solidez e consistência de um sistema, que não resistiu aos novos “ventos da história”, independentemente de quem os tenha desencadeado.

É tarefa dos historiadores aprofundar a análise crítica das determinantes que conduziram a esse desfecho. Se a maioria das opiniões se inclina a considerar que o desmoronamento da União Soviética e do campo socialista são prova definitiva e suficiente de que esse sistema era inviável, há quem defenda que, se ele não sobreviveu foi precisamente porque os princípios e os valores defendidos pelo seu fundador terão sido subvertidos por dentro. Nesta

perspectiva, uma releitura dos textos de Cabral aqui apresentados poderá ajudar a considerar outras interpretações sobre a sucessão de acontecimentos de impacto global que tiveram lugar nas décadas dos 80 e 90 anos do século XX.

O importante é mesmo, segundo Cabral:

“Amar a causa da libertação do homem de qualquer espécie de opressão, a aventura maravilhosa que é a vida humana, tudo o que há de belo e construtivo no planeta”.

Praia, Setembro de 2024, Ano do
Centenário de Amílcar Cabral

AMÍLCAR CABRAL: um legado para os tempos atuais

JOÃO PEDRO STEDILE¹

Amílcar Cabral é sem dúvida um dos principais próceres do pensamento e luta panafricanista, que nos ilumina até os dias de hoje. Ele teve uma vida intensa nos seus 49 anos, desde a sua juventude como um jovem muito estudioso e inteligente, que no ambiente familiar de pastor protestante foi forjado em valores humanistas e solidários. Migrou para Portugal e escolheu ser agrônomo, para poder ajudar seu povo e Cabo Verde um país agrícola que precisaria muito do desenvolvimento das técnicas e forças produtivas.

Compreendeu com profundidade a contribuição teórica dos clássicos revolucionários e extraiu deles os conhecimentos científicos e as experiências históricas que poderiam ajudar a interpretar a realidade africana.

Cabral fez formulações teóricas sobre as lutas de libertação nacional dialogando com a independência das colônias portuguesas na África e com a tradição pan-africanista, ao lado de Kwame Nkruma do Gana, Agostinho Neto de Angola, Julius Nyerere da Tanzânia, Samora Machel de Moçambique e Nelson Mandela da África do Sul. Ele representa muito, até hoje, a todos que lutamos por uma sociedade mais justa e solidaria, anticapitalista.

¹ Membro da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Apesar da sua pouca idade, foi um líder popular, dirigente e militante exemplar.

No campo teórico foi um exímio estudioso e exegeta dos clássicos sem ser dogmático ou sectário e muito menos copiador. Soube apreender os conhecimentos científicos que poderiam ajudar a explicar a África. Sua passagem pela metrópole de Portugal o ajudou a ter acesso à literatura revolucionária – aí estudou Marx, Engels, Lenin – e ao contato com outros estudiosos.

Mas soube como ninguém utilizar esse conhecimento para estudar e interpretar a realidade de seu país, e da África. Seus escritos analisando Cabo Verde e seu povo são primorosos e nos deixam como legado a importância de analisarmos com profundidade a realidade que vivemos para podermos transformá-la.

Além disso, soube tirar lições das experiências históricas revolucionárias, para adaptá-las às necessidades organizacionais de seu povo, num projeto de libertação nacional.

Mas não ficou apenas na análise da realidade, ele produziu um método de organização, que envolveu os militantes do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), e influenciou outras organizações políticas da África, como o Movimento Para Libertação de Angola (MPLA). Seu método de escrever cartas e manifestos dirigidos à militância e a setores sociais tinha uma combinação de análise crítica da situação, com orientações práticas e políticas sobre o que fazer. Por isso seus textos são organizativos, são orientativos, induzem à prática.

No que toca à luta de classes, ele deu mostras concretas de seu compromisso verdadeiro com a causa do seu povo ao organizar a luta armada e as lutas das massas. Envolveu-se diretamente, dando exemplo concreto e arriscando sua vida.

Talvez por isso mesmo, por sua sabedoria, coerência de vida, e compromisso com seu povo que, mesmo após conquistar a libertação política de Guiné Bissau e Cabo Verde, o império não tenha lhe perdoado utilizando as forças de direita de Portugal e

dos Estados Unidos para promover o seu assassinato em 20 de janeiro de 1973.

Quero também destacar um outro legado muito importante na figura de Amílcar. Talvez entre todos os líderes pan-africanistas, que já citei, ele tenha sido o que mais se aproximou da América Latina. Ele compreendia a importância do internacionalismo não apenas como um princípio, como uma teoria, mas levado à prática real, como uma necessidade dos povos se unirem na luta anticolonial, anti-imperialista e antioligarca nos nossos países.

Foi assim que se aproximou da revolução cubana, participou ativamente, em Havana, da primeira conferência histórica que reuniu dezenas de líderes do então chamado terceiro mundo, hoje seria mais apropriado chamarmos de sul global, em 1966 conhecida como Tricontinental com representantes da Ásia, África e América Latina. Ai foi fundada a Organização de Solidariedade entre os Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAL), que seria um instrumento da prática da solidariedade e do internacionalismo entre os povos.

Lá se encontrou com personagens da nossa história como Fidel Castro, Che Guevara e o comandante Manoel Piñero, conhecido como barba-roja, que cuidava dos temas de solidariedade entre as organizações revolucionárias.

Ainda que não tenha nenhum registro, me atrevo a dizer que certamente deve ter conhecido nosso revolucionário brasileiro Carlos Marighela, que também esteve presente nessa conferência.

Assim, a vida e obra de Amílcar é permeada de experiências e ensinamentos que devem orientar nosso que fazer político até os dias de hoje, sobretudo os jovens da América Latina, da Ásia, e da África, que não o conheceram politicamente em vida.

Para nós do Brasil, ele é uma referência muito importante, sobretudo pela nossa identidade cultural e pelos laços de nossos povos com a África e sua cultura. Como militantes de movimentos populares do campo, nos sentimos ainda mais identificados, por sua origem, por sua vocação de agrônomo, que o ajudou a

conhecer melhor as realidades agrárias de Cabo Verde e Guiné Bissau, para transformá-las.

Por tudo isso, espero que essa publicação mais do que recuperar textos teóricos, alimente nossa vontade política de conhecer melhor seu legado para as tarefas atuais.

Apesar da conquista da independência política dos países da África e de alguns avanços na América Latina, a luta anticolonial, a luta anti-imperialista segue mais do que presente na agenda da luta política contemporânea.

As burguesias de nossos países aderiram completamente ao projeto de dominação capitalista e imperialista, são meros marionetes, associadas na exploração do capital, e subordinadas no exercício do poder político nos governos nacionais.

As lutas anticoloniais e antirracistas estão presentes mais do que nunca na resistência palestina, na resistência do povo Sarahui, na luta dos povos da África enfrentando o neocolonialismo francês e europeu. No enfrentamento das agressões da Otan, na Líbia, na Síria, e do tratamento que eles dão aos migrantes que cruzam o mediterrâneo.

Por outro lado, o capitalismo e o imperialismo ocidental vivem uma crise profunda e procuram compensá-la buscando aprofundar as formas clássicas de acumulação de capital por meio da promoção de guerras e conflitos armados para criar mercados para sua indústria bélica, da morte e da destruição. Além disso, as empresas transnacionais procuram se apropriar, com muita mais ganância, dos bens da natureza, em todo sul global, como forma de transformá-los em mercadorias para obter fantásticas taxas de lucro. Tal como podemos ver em sua tentativa de se apropriar do petróleo na Venezuela, na Nigéria, em Angola e de outros tantos minérios estratégicos, como o urânio, ferro, cobre, alumínio, em todos os nossos países.

Assim como são insaciáveis na busca do ouro, diamantes, são irresponsáveis na destruição de nossa biodiversidade, das florestas, com seu modelo de agronegócio predador.

Porém das contradições e da crise surgem também novos caminhos, e assim aos poucos vão se fortalecendo outros espaços internacionais de articulações de países e governos como os BRICs, a União Africana, a Celac, a ALBA, para resistirem à decadência do imperialismo.

As falsas democracias formais burguesas em nossos países também estão em crise. É urgente e necessário construirmos novos instrumentos de participação política popular.

Por isso está na agenda de todos os partidos, movimentos populares, o enfrentamento à crise atual e a construção das lutas anticoloniais, antirracistas, anti-imperialistas e anticapitalistas. O capitalismo não é solução para as necessidades de nossos povos.

São tempos de crise, mas são tempos de mudanças. E nesses tempos é fundamental recorrermos ao legado da vida e obra de nossos próceres, africanistas, latinos e internacionalistas.

Viva Amílcar Cabral!

Setembro de 2024

Na vanguarda da luta: carta ao 23º Congresso do PCUS

CONACRI, 28 de março de 1966.

Ao XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética

Caros amigos,

No mesmo momento em que vosso grande Partido – o Partido do imortal LENIN e do povo trabalhador da União Soviética – organiza seu XXIII Congresso, uma nave construída pela mão do homem assenta sobre a lua, depois de ter completado sua missão humana de pesquisa e reconhecimento. Além disso, outro dispositivo, construído pelas mesmas mãos, logrou tocar o solo do planeta Vênus, sobre o qual forneceu informações científicas de inestimável valor.

Considerando as perspectivas concretas para a conquista do Cosmos que foram abertas por essas façanhas e o fato de que elas são obra de vossos cientistas, com base no esforço do vosso povo, podemos afirmar que o Homem – dignamente representado pelo homem soviético – assumiu o tamanho do Universo, na infinidade de sua potência criativa. Se é verdade que não é mais possível olhar para os astros como entidades sobrenaturais ou como objetos distantes e intangíveis, é certo que de agora em diante vossos poetas – continuadores fiéis de PUSHKIN e MAIAKÓVSKI – podem não apenas tratar dos planetas da mesma maneira que dos rios e das montanhas de nossa Terra, mas também sonhar com a realidade

futura da “Humanização do Universo” e mesmo com o dia em que o “Homem estará disseminado pelas estrelas”.

Vosso Congresso, que reúne a vanguarda de vossa pátria e os melhores filhos de vosso povo, deve estar orgulhoso dessa nova realidade, da contribuição singular dada pelo homem soviético, sob a direção de vosso grande Partido, à conquista do Cosmos, e portanto ao progresso, à paz e à construção da felicidade da humanidade. Dessa maneira, nós vos enviamos, em nome de nosso povo e de nosso Partido, as mais sinceras felicitações.

Nesse mesmo momento, entretanto, não se pode esquecer dos graves e complexos problemas que ameaçam fortemente nosso planeta, esta Terra cuja beleza cósmica emocionou o herói e pioneiro do espaço, o cosmonauta GAGARIN. Dentre esses problemas, que receberão sem dúvida a maior atenção de vosso Congresso, é justo destacar os seguintes: a libertação nacional dos povos contra o imperialismo, cuja agressividade se intensifica em todas as partes, e a luta pela paz, contra as ameaças de uma guerra atômica que pesam cada dia mais fortemente sobre o futuro da humanidade. E na essência dessas lutas – dos dramas, das tragédias, mas também das alegrias e das esperanças desse mundo – essa constante fecunda da natureza humana: a busca pelo progresso, pelo bem estar e pela felicidade.

Também nesse campo, vocês têm razões de sobra para se orgulharem. Com efeito, tendo a grande Revolução de Outubro aberto o caminho para a libertação das nações oprimidas e para o advento do poder popular e da justiça social em muitos países da Europa e em outros lugares, a construção vitoriosa do socialismo em vossa pátria consolidou essas conquistas da humanidade. Vocês estão nesse momento na vanguarda da luta contra o imperialismo e do combate pela paz. Vosso país está igualmente na vanguarda do progresso da humanidade, baseado no desenvolvimento incessante do nível das forças produtivas – do trabalho criador de vosso povo. Esse progresso não diz respeito apenas à melhoria constante do bem estar material para todos, mas também à cultura, às artes, aos esportes e a todas as outras esferas da atividade humana.

Ao mesmo tempo em que reforça seu poder material e espiritual, a União Soviética proporciona uma ajuda ímpar aos povos em luta contra o imperialismo. Vosso povo, que teve vinte milhões de vítimas durante a segunda guerra mundial na defesa de vossa Revolução e do direito das nações à autodeterminação, à paz e à liberdade – continua a consentir em novos sacrifícios para apoiar os países recém-independentes na construção de seu próprio progresso e, do Vietnã a São Domingos, continua a apoiar concretamente, por todos os meios necessários, a ação libertadora dos povos contra a dominação e a agressão imperialistas.

Permitam-nos, caros amigos, dirigir-vos nossas fraternas felicitações pelo grandioso e histórico papel desempenhado por vossa pátria.

Vosso Congresso, que representa legitimamente todo vosso povo, carrega portanto sobre os ombros pesadas responsabilidades – as mais pesadas que um povo ou um grupo de homens já tiveram, em qualquer tempo, frente à história e frente à humanidade. Estamos certos de que vossas resoluções significarão um novo passo significativo à diante no cumprimento de vossos deveres históricos.

Ao mesmo tempo em que desenvolvemos vitoriosamente nossa luta armada de libertação nacional, nosso povo e nosso Partido se mantêm fiéis à política de paz, de não-alinhamento e de defesa intransigente dos interesses da África que traçou para si. Estamos igualmente orgulhosos da ajuda eficaz que vocês aportam a nossa luta libertadora e do contínuo reforço das bases de uma amizade sincera e de uma colaboração útil entre nosso povos, à serviço da paz e do progresso.

Com nossas melhores saudações,

Recebam, Caros amigos, a expressão de nossos sentimentos da mais alta consideração.

Pp/ BIRÔ POLÍTICO DO PAIGC

Amílcar Cabral

Secretário Geral

Discurso ao 50º aniversário da Revolução de Outubro

Praça Vermelha, Moscou
7 de novembro de 1967.

Os povos e os homens amantes da paz, da liberdade e do progresso, de todos os continentes, festejam esta ocasião solene o grande acontecimento do 50º aniversário da grande Revolução de Outubro. Homens e mulheres de todos os países, de todas as raças, cores e crenças, chegaram e continuam chegando a esta maravilhosa capital do socialismo, a este país exemplarmente hospitaleiro, para participar com o povo trabalhador da União Soviética na festa maior não só da sua história, mas de toda a História.

É para nós um privilégio inesquecível poder fazer ouvir aqui a voz do nosso povo - o povo africano da Guiné e Cabo Verde - nesta breve mensagem de amizade, de solidariedade, de esperança e de certeza no destino da humanidade que a Revolução de Outubro transforma radicalmente. Em nome do nosso povo, em nome dos combatentes do nosso Partido que, de armas nas mãos, têm de lutar pela libertação, a paz e o progresso que a grande Revolução de Outubro torna possível para todos os povos, temos a honra de endereçar as nossas saudações fraternais e felicitações calorosas ao povo amigo da URSS, ao seu grande Partido, o Partido de Lenine e a todos os seus dirigentes. Saudamos igualmente nesta ocasião todos os povos em luta pelo progresso e pela paz, porque

esta festa da Comemoração do 50º aniversário da Revolução de Outubro é também deles.

Caros amigos e camaradas, o nosso povo, como todos os povos do mundo, está cada dia mais consciente do significado transcendente da Revolução de Outubro para a história da humanidade. Depois de ter quebrado o muro de silêncio e os grilhões da exploração e da ignorância em que o colonialismo português manteve o nosso povo durante mais de 100 anos, sabemos hoje – e cada dia estamos mais seguros disso – que a primeira grande transformação do nosso destino no caminho de libertação e do progresso teve lugar nas margens do Neva, quando a cruzada Aurora deu o sinal para o começo da Revolução que o gênio incomparável de Vladimir Ilytch Lenine soube conceber, dirigir e conduzir à vitória total sobre as forças da burguesia, do feudalismo e do imperialismo. Por isso, no momento em que depois de quase cinco anos de luta armada de libertação nacional, já libertamos mais de metade do nosso país e mantemos as hordas colonialistas portuguesas na defensiva – consideramos que a Revolução de Outubro é um fato da nossa própria história, e que esta festa é também nossa.

Mas estamos conscientes do fato de que o capitalismo monopolista e a sua consequência funesta sobre o plano internacional – o imperialismo – também o sabem. Muitos fatos, qual deles o mais significativo, provam esta realidade: a primeira grande derrota do imperialismo, quer dizer, a primeira e seguramente a mais transcendente vitória de luta da libertação nacional e social dos povos, foi a Revolução de Outubro. Isso é mostrado à evidência pelo fato de que, nos últimos cinquenta anos, uma constante tem caracterizado a história: a tentativa desesperada do capitalismo imperialista para apagar das páginas da história o fato maior da Revolução de Outubro. Tentativa concretizada de mil maneiras, mas visando fundamentalmente a destruição do 1º Estado Socialista – a URSS.

Hoje, na impossibilidade cada vez maior de sabotar as conquistas econômicas, sociais, científicas e culturais do povo sovié-

tico; face ao alargamento irreversível do campo socialista tanto na Europa como na Ásia; irritado, mas impotente, perante a consolidação crescente (da) República Socialista de Cuba, implantada no hemisfério ocidental; açoitado cada dia mais pela luta de libertação nacional dos povos da África, Ásia e América Latina; ameaçado progressivamente pelas contradições internas que se traduzem pela intensificação do movimento operário internacional e das lutas sociais dentro das suas próprias fronteiras: o sistema capitalista mundial agonizante – o imperialismo – revela ao mundo a sua verdadeira face, os seus instintos criminosos e busca por todos os meios nomeadamente através de uma agressividade cada vez maior, barrar o caminho à Revolução de Outubro – à luta revolucionária dos povos, pela liberdade, pela democracia), pela paz, e pelo progresso.

Mas, assim como não é possível tapar o céu com uma mão nem há barragem que possa reter a marcha do Volga para o mar, não há manobras nem agressões imperialistas que possam barrar, no caminho da História, a libertação e o progresso dos povos que a Revolução de Outubro fecundou. Por isso, o imperialismo está a ser batido na Ásia, onde o heróico povo do Vietnam, objeto da mais vergonhosa agressão já registrada na História, lhe opõe uma resistência cada dia mais vitoriosa; o imperialismo está a ser batido em África, onde além das vitórias já alcançadas pela descolonização, povos como os de Guiné, e Cabo Verde, de Angola, Moçambique, Rodésia, África do Sul e Sudeste Africano estão, de armas nas mãos, envidando todos os esforços e tarefas para libertar totalmente as suas pátrias das pragas do colonialismo e do racismo; o imperialismo está a ser batido e será batido na América Latina, onde, como resumo a todas as formas de luta, os povos estão decididos a sacudir o jugo direto ou indireto a que estão sujeitos há mais de meio século; o imperialismo será seguramente abatido no Médio Oriente, onde, sob o disfarce sionista, tenta, por ataques relâmpagos, despossar os povos árabes não só das suas vitórias no campo da libertação nacional mas dos seus próprios territórios e riquezas nacionais.

Neste momento de comemoração do 50º aniversário da Revolução de Outubro, é consolador constatar que o imperialismo encontra (ainda) mais resistência da frente dos povos de todos os continentes, que estão dispostos a consentir todos os esforços e sacrifícios para se libertarem da dominação estrangeira. Mas é também uma razão de encorajamento e uma exigência a reconhecer que as lutas atuais dos jovens têm a suas raízes nas conquistas da Revolução de Outubro, e encontram o seu suporte fundamental na existência do campo socialista, e nutrem-se, de maneira vital da solidariedade ativa da União Soviética. Esta é a realidade essencial do nosso tempo – a verdade que o imperialismo conhece mais do que ninguém e que ninguém pode refutar.

Esta também é a razão pela qual, devemos neste momento, render uma vibrante homenagem imortal a Lenin, a todos os seus companheiros que souberam manter-se fieis à Revolução de Outubro, ao Partido Comunista da URSS e ao povo da URSS que foram capazes de realizar os objetivos da Revolução de Outubro; a todas as forças do mundo que tiveram de ver na Revolução de Outubro, na URSS um fator decisivo para libertação e progresso dos povos no nosso tempo.

Glória a Vladimir Ilytch Lenin, obreiro principal da Revolução de Outubro e fundador do 1º Estado socialista do mundo!

Glória aos 20 milhões de cidadãos soviéticos que lutaram na última guerra mundial em defesa da pátria socialista, garantindo assim a possibilidade de libertação nacional e social dos povos!

Viva o povo trabalhador da URSS, o seu estado socialista e o seu grande Partido, o PCUS – aliados fiéis baluarte inexpugnável da luta da libertação dos povos.

Uma luz fecunda ilumina o caminho da luta: Lenin e a luta de libertação nacional

1

O valor e o caráter transcendente do pensamento e da obra humana, política, científica, cultural – histórica – de Vladimir Ilitch Lenin são há muito já um fato universalmente reconhecido. Mesmo os mais ferozes adversários das suas ideias tiveram de reconhecer em Lenin um revolucionário consequente, que soube dedicar-se totalmente à causa da revolução e fazê-la, um filósofo e um sábio cuja grandeza só é comparável à dos maiores pensadores da humanidade. Atualmente, não é raro ouvir políticos – mesmo os mais antissocialistas – citar Lenin ou gabar-se de ter lido as suas obras. É evidente que não podemos acreditá-los à letra, mas isso dá bem a medida da importância (mesmo da necessidade) do pensamento de Lenin e da vastidão das consequências práticas da sua ação no contexto histórico actual.

Para os movimentos de libertação nacional, cuja tarefa é fazer a revolução, modificando radicalmente, pelas vias mais adequadas, a situação econômica, política, social e cultural dos seus povos, o pensamento e a ação de Lenin têm um interesse especial.

Mas Lenin não deixou apenas a sua obra. Foi e continua a ser um exemplo vivo de combatente pela causa da humanidade, pela libertação econômica, e, portanto, nacional, social e cultural do

homem. A sua vida e o seu comportamento como personalidade humana contêm lições e exemplos úteis para todos os combatentes da libertação nacional.

Entre essas lições, as que nos parecem ser da maior acuidade para os movimentos de libertação referem-se ao comportamento moral, à ação política, à estratégia e à prática revolucionárias.

No âmbito geral do movimento de libertação nacional, especialmente em condições como as nossas, o comportamento moral do combatente, em particular dos dirigentes, é um fator primordial que pode influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento. É evidente que a luta é essencialmente política, mas as circunstâncias políticas, econômicas e sociais – históricas – em que se estrutura e desenvolve o movimento, conferem aos problemas de natureza moral uma particular importância devido principalmente às fraquezas próprias do movimento nacional de libertação nas colônias, ao oportunismo ou às possibilidades de oportunismo que o caracterizam, às pressões e manhas utilizadas pelo inimigo imperialista, assim como a dificuldade, mesmo a impossibilidade de um controle do movimento e dos seus chefes pelas massas populares nacionalistas. No movimento de libertação, como em qualquer outro empreendimento humano – e sejam quais forem os fatores materiais e sociais que condicionem a sua evolução –, o homem (a sua mentalidade, o seu comportamento) é o elemento essencial e determinante.

Lenin foi um exemplo de coerência consigo mesmo e de coerência entre as palavras e os atos. Soube, através de toda a evolução característica da sua personalidade, permanecer igual a si mesmo na verticalidade das suas opções e dos seus atos. Estes sempre responderam às suas palavras, pois soube rejeitar o verbalismo fácil, a adulação e a demagogia.

Lenin foi um exemplo de honestidade, de probidade de sinceridade e de coragem. Sempre colocou acima de todas as suas conveniências a necessidade de observar rigorosamente os deveres da

moral e da justiça, recusar a mentira e praticar a verdade, sejam quais forem as consequências ou os problemas que possa criar.

Como um ser humano integral, soube amar e odiar. Amar a causa da libertação do homem de qualquer espécie de opressão, a aventura maravilhosa que é a vida humana, tudo o que há de belo e construtivo no planeta. Odiar os inimigos do progresso e da felicidade do homem, o inimigo de classe, os oportunistas, a covardia, a mentira, todos os fatores de aviltamento da consciência social e moral do homem. Sempre considerou o homem como o valor supremo do Universo. A sua dedicação às crianças tornou-se lendária pois, para ele, esses seres delicados e tantas vezes incompreendidos, vítimas inocentes da exploração do homem pelo homem, são as flores da humanidade, a esperança e a certeza do triunfo de uma vida de justiça.

A luta de libertação nacional é, como já dissemos, uma luta política que pode revestir diversas formas, de acordo com as circunstâncias específicas em que se desenvolve. No nosso caso concreto, esgotamos todos os meios pacíficos ao nosso alcance para levar os colonialistas portugueses a uma modificação radical da sua política no sentido da libertação e do progresso do nosso povo. So encontramos repressão e crimes. Decidimos então pegar em armas para nos batermos contra a tentativa de genocídio do nosso povo, decidido a ser livre e senhor do seu próprio destino.

O fato de travarmos uma luta armada de libertação em nada modifica o caráter essencialmente político do nosso combate. Pelo contrário, acentua-o. Ora, não há, não pode haver ação política, seja qual for a sua forma, sem princípios bem definidos quer sejam bons ou maus.

No plano político, Lenin foi um exemplo de fidelidade aos princípios. Soube fazer concessões sobre a forma de reivindicações, de ações, mas nunca sobre os princípios, principalmente quando se tratava de defender os interesses da classe e da nação que representava, assim como na prática consequente de um in-

ternacionalismo desprovido de reservas, de timidez ou de condicionalismos.

É igualmente uma lição de realismo, de noção clara da possibilidade e da oportunidade política, que encontra a sua expressão máxima na decisão de desencadear a insurreição de Outubro de 1917, apesar das enormes dificuldades para vencer as hesitações e as oposições mais ou menos fundamentadas. Uma lição de firmeza na via determinada para conduzir a ação política, ilustrada pelo combate sem tréguas que moveu a todos os desvios “de direita” ou “de esquerda” e que tantos inimigos lhe criou. Ultrapassando a concepção vulgar, segundo a qual a política é a arte do possível, Lenin demonstrou que é antes a arte de transformar o que é aparentemente impossível em possível (*tornar possível o impossível*), rejeitando categoricamente o oportunismo. Assim definida, a ação política implica uma criatividade permanente. Para ela, como para a arte, criar não é inventar!

A ação de Lenin é caracterizada por uma grande flexibilidade construtiva. Em cada problema, em cada fato da luta, mesmo no mais negativo, soube discernir o lado positivo para dele extrair todas as vantagens e fazer avançar a luta. Nesse âmbito, como noutros, demonstrou uma perseverança a toda a prova. Ele, que considerava que “os fatos são teimosos”, era teimoso como os fatos. Confiando na opinião dos outros, apesar disso, certo de que todo o combatente tem necessidade dos outros, sempre soube mudar de opinião quando a razão – a verdade científica – não estava do seu lado.

Crítico rigoroso, mesmo violento, tanto dos seus adversários como dos seus companheiros de luta caídos em erro, Lenin soube praticar exemplarmente a autocrítica. Sabia reconhecer os seus erros e elogiar o valor dos outros, mesmo dos seus mais ferozes adversários; mas soube usar de uma severidade sem limites para atacar os que considerava como inimigos de classe e da revolução.

Lenin sempre demonstrou uma confiança sem limites na capacidade das massas, mas soube no entanto demonstrar clara-

mente que estas nunca deviam agir com anarquia, sem um plano bem concebido, correspondente às possibilidades concretas de ação. Para ele, as massas nunca devem ser acéfalas.

No âmbito geral do movimento de libertação nacional, tal como em qualquer confrontação, pacífica ou não, há a necessidade vital descobrir as leis gerais da luta e agir com base num plano geral concebido e elaborado a partir da realidade concreta do meio e dos fatores em presença. Isto quer dizer que qualquer movimento de libertação necessita de uma estratégia.

Na elaboração dessa estratégia é preciso ser capaz de distinguir O essencial do secundário, o permanente do temporário. Sem nunca confundir estratégia e tática, a ação deve basear-se numa concepção científica da realidade, seja qual for a influência dos fatores subjetivos que é necessário enfrentar.

Também nesse plano Lenin deu uma lição muito útil aos movimentos de libertação, aos combatentes da liberdade. Tinha uma nítida consciência do valor da *unidade* como meio necessário para a luta, mas não como um fim em si. Para Lenin, não se trata de unir todos em torno da mesma causa, por mais justa que ela seja, de realizar a unidade absoluta, de unir-se não importa com quem. A unidade, como qualquer outra realidade, está sujeita às transformações quantitativas, positivas ou negativas. A questão é descobrir qual é o grau de unidade suficiente que pode permitir o desencadear e garantir o avanço vitorioso da luta. E, posteriormente, preservar essa unidade contra todos os fatores de dissolução ou divisão, tanto internos como externos.

Por outro lado, Lenin tinha uma consciência profunda da necessidade de conhecer o melhor possível, na luta, as forças e as fraquezas do inimigo, tal como as nossas próprias forças e fraquezas. A concepção leninista da estratégia implica que devemos agir no sentido de aumentar as fraquezas do inimigo e transformar as suas forças em fraquezas e, simultaneamente, preservar e reforçar as nossas forças e eliminar as nossas fraquezas ou transformá-las em forças.

Isto é possível pela aliança permanente e dinâmica entre a teoria e a prática. A vida de Lenin é a aplicação consequente desta máxima dialéctica de Paul Langevin: o pensamento deriva da ação e, no homem consciente, deve regressar à ação. Isso implica que, como Lenin demonstrou através de toda a sua vida, a ação deve basear-se na análise concreta de cada situação concreta.

De acordo com Lenin, tanto na luta como em qualquer outro fenómeno em movimento, as transformações qualitativas só se operam a partir de determinado nível de modificações quantitativas, o que significa que o processo da luta evolui por etapas, por fases bem definidas. Nesta base e nesta perspectiva devem ser estabelecidas as táticas a seguir, que não são incompatíveis mesmo com os recuos que, em determinados momentos, podem ser o único meio de fazer progredir a luta.

Qualquer luta é experiência nova, seja qual for a soma de conhecimentos teóricos ou de experiências práticas que lhe dizem respeito. Qualquer luta implica, portanto, um determinado grau de empirismo, mas não é necessário inventar o que já o foi: é sim preciso criar nas condições concretas em que a luta se trava. Ainda neste ponto a lição de Lenin é pertinente: ele detestava tanto o empirismo cego como os dogmas. A assimilação crítica (dos conhecimentos ou das experiências dos outros) é tão válida para a vida como para a luta. O pensamento dos outros, filosófico ou científico – por mais lúcido que seja –, é apenas uma base que permite pensar e agir, portanto, criar.

Para criar na luta é necessário conduzi-la, desenvolver todos os esforços e aceitar os sacrifícios necessários. A luta não é feita de palavras mas de ação cotidiana, organizada e disciplinada, de todos os elementos válidos. A atividade múltipla desenvolvida por Lenin no decurso de uma longa luta é um exemplo de continuidade e consequência, de esforços e sacrifícios, assim como da capacidade para mobilizar as forças necessárias no tempo e no espaço necessários.

Demonstrando que, numa luta, as dificuldades subjetivas são as mais difíceis de ultrapassar, Lenin tinha consciência desta

realidade: a luta é feita de êxitos e fracassos, de vitórias e derrotas, mas avança sempre e as suas fases, mesmo as mais idênticas, nunca se repetem, pois a luta é um processo e não um acidente, uma corrida de fundo e não de velocidade: as derrotas eventuais não podem justificar nem a desmoralização nem a desistência, porque mesmo os insucessos podem ser uma base de partida para novos êxitos.

Essa ultrapassagem só é possível se extrairmos uma lição de cada erro, de cada experiência positiva ou negativa e partindo do princípio de que, se é certo que a teoria sem prática é uma perda de tempo, não há prática consequente sem teoria.

Principal artífice da grande Revolução de Outubro, que modificou o destino não apenas do povo russo mas da humanidade; criador do primeiro Estado socialista; dirigente-supremo da Revolução nas antigas colônias tsaristas; teórico e prático conhecedor na solução do delicado problema que representava a questão nacional no país dos soviets; militante catalisador do movimento operário internacional – Lenin marcou o século e o futuro do homem com a sua personalidade de revolucionário, legando às gerações que lhe sucederam uma obra tão singular como cheia de lições.

Para os movimentos de libertação, Lenin forneceu mais esta valiosa contribuição: demonstrou, definitivamente, que os povos oprimidos podem libertar-se e ultrapassar todos os obstáculos para a construção de uma vida de justiça, de dignidade e de progresso.

É desejável que, independentemente das suas tendências ou opções políticas, os autênticos movimentos de libertação possam beber nas lições e no exemplo de Lenin a inspiração necessária para o seu pensamento, para a sua ação e para o comportamento moral e intelectual dos seus dirigentes. No interesse geral da luta contra o imperialismo e se tivermos em consideração algumas contradições que caracterizam as atuais relações entre as outras forças anti-imperialistas e mesmo alguns aspectos da sua ação,

não seria justo nem, talvez, objetivo, limitar esse desejo unicamente aos movimentos de libertação.

II

Acontece hoje com a doutrina de Lenin o que já se verificou mais de uma vez na história com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos chefes de classes ou nações oprimidas em luta pela sua libertação. Durante a vida dos grandes revolucionários, as classes opressoras recompensam-nos com incessantes perseguições: acolhem as suas doutrinas com um furor selvagem com um ódio tenaz, com as mais intensas campanhas de mentiras e calúnias. Depois da sua morte, tentam fazer deles ícones inofensivos, canonizam-nos, por assim dizer, rodeando o seu nome com uma certa auréola a fim de “consolar”) as classes ou as nações oprimidas e de as mistificar; fazendo-o, esvaziam a doutrina revolucionária do seu conteúdo, depreciam-na e destroem-lhe a força revolucionária. É nessa forma de “arranjar” o leninismo que hoje coincidem a burguesia e os oportunistas, tanto do movimento operário como do movimento de libertação nacional. Esquecem, amordaçam, alteram o lado revolucionário da doutrina, a sua alma revolucionária. Colocam em primeiro plano e exaltam o que é ou parece ser aceitável, mesmo conveniente, para a burguesia e para o imperialismo.

O leitor deve já ter notado que o que acaba de ler é a paráfrase de parte de uma lapidar afirmação de Lenin referente a Marx. Modificamos os nomes e adaptamos o discurso à realidade essencial da história dos nossos dias: a luta de vida ou de morte contra o imperialismo. Temos de admitir que o discurso se adapta perfeitamente ao próprio Lenin, em especial quando consideramos o que ele escreveu sobre o imperialismo e a luta contra o domínio imperialista.

Sem ter a pretensão ou a audácia de querer restabelecer a doutrina de Lenin acerca do movimento de libertação nacional, gos-

taríamos, no entanto, de evocar determinados aspectos que nos parecem importantes, principalmente para os que lutam pela libertação e o progresso dos seus povos.

Lenin demonstrou de forma muito clara que o movimento de libertação nacional, que adquiriu força desde o começo do século, não é um fato novo na história. Em todos os continentes, em épocas mais ou menos recuadas, houve, não apenas luta de libertação tribal ou étnica, mas também movimento de luta de libertação nacional. Os povos da antiga Indochina e de outras regiões da Ásia; do México, da Bolívia e de outros países do continente americano; da Grécia, dos Balcãs em geral, mesmo de Portugal, na Europa; do Egito, da África Oriental e da África Ocidental – para só citar estes – tiveram, no passado, a sua experiência de luta de libertação nacional.

Esses movimentos sofreram vitórias ou derrotas, mas existiram e deixaram vestígios indeléveis nos povos que afetaram, no âmbito das coordenadas históricas das sociedades em questão, numa determinada etapa da evolução econômica e política da humanidade.

Não há, no entanto, lugar para confusões. Lenin demonstrou que o império romano, por exemplo, não é a mesma realidade histórica que o império britânico, embora ambos tenham em comum o que parece ser, até agora, uma necessidade ou uma constante nas relações entre as sociedades humanas: a tentativa ou o êxito do domínio político e da exploração econômica de certos povos ou nações por Estados estrangeiros ou, o que vem a dar no mesmo, por classes dirigentes estrangeiras.

É evidente que Carlos Magno não foi nem podia ser César ou Átila, mas é ainda mais evidente que qualquer chefe de Estado imperialista não é, nem pode ser, o Gana do império africano que tem o seu nome, nem um imperador da família dos Ming, nem um Cortez, conquistador das Américas, nem o tsar das Rússias. Da mesma maneira e pelas mesmas razões, os bancos e os monopólios imperialistas não são as antigas associações dos comerciantes de Veneza ou a Liga Hanseática.

Lenin demonstrou que a luta de libertação contra o domínio de uma aristocracia militar (tribal ou étnica), contra o domínio feudal e mesmo contra o domínio capitalista estrangeiro do tempo do capitalismo de livre concorrência, não é a mesma realidade histórica que a luta de libertação nacional contra o imperialismo, contra o domínio econômico e político dos monopólios, do capitalismo financeiro, atuando sob a forma do colonialismo, do neocolonialismo. Tornou-se e deve ser evidente para todos hoje que o aparecimento do imperialismo operou uma transformação profunda e irreversível no movimento de libertação nacional, definindo-se este como a resistência natural e necessária ao domínio imperialista.

Definindo as características internas e externas do imperialismo – estado supremo do capitalismo, resultado da concentração do capital financeiro em algumas empresas de uma meia dúzia de países, domínio insaciável dos monopólios – Lenin caracterizou simultaneamente as transformações irreversíveis operadas no conteúdo e na forma do movimento de libertação nacional, do qual previu, cientificamente, a linha geral de evolução.

Cabe a Lenin o mérito de ter revelado, e mesmo previsto, as realidades essenciais da luta dos nossos dias, pois foi até ao fundo na análise do fato imperialista e da luta geral contra o imperialismo.

Na sua crítica genial, Lenin esclareceu o caráter essencialmente econômico do imperialismo, estudou as suas características internas e externas e as suas implicações econômicas, políticas e sociais, tanto dentro como fora do mundo capitalista. Pôs em relevo as forças e as fraquezas dessa nova realidade que é o imperialismo (quase da sua idade), que abriu novas perspectivas à evolução da humanidade.

Situando geograficamente o fenômeno imperialista no interior duma parte bem definida do mundo; distinguindo o fator econômico das suas implicações políticas ou político-sociais, sem esquecer as relações de dependência dinâmica entre esses dois aspectos de um mesmo fenômeno; e caracterizando as relações do

imperialismo com o resto do mundo, Lenin situou objetivamente tanto o imperialismo como a luta de libertação nacional nas suas verdadeiras coordenadas históricas. Estabeleceu assim, de forma definitiva, a diferença e as ligações fundamentais entre o imperialismo e o domínio imperialista.

A análise de Lenin revela-se desta forma como um encorajamento realista e uma arma poderosa para o desenvolvimento ulterior e multilateral do movimento nacional libertador. É necessário, no entanto, notar que esta análise vai ainda mais longe na contribuição que fornece à evolução desse mesmo movimento.

Com efeito, se podemos dizer que Marx, principalmente na sua obra principal – O capital –, procedeu à anatomia ou à anatomia patológica do capitalismo, a obra de Lenin referente ao imperialismo pode ser considerada como a pré-autopsia do capitalismo moribundo. Não é exagerado

vafirmar que, para ele, a partir do momento em que o domínio econômico e político do capital financeiro (dos monopólios) se consolidou em alguns países e se concretizou no exterior gesses países pelo movimento de partilha do mundo, especialmente em África, com o monopólio das colónias – o capitalismo, tal como se definira anteriormente, transformou-se num corpo em pucrefação.

Um estudo, mesmo superficial, da história econômica contemporânea dos principais países capitalistas (talvez mesmo dos menos importantes), revela que a luta tenaz entre o capital financeiro (representado pelos monopólios e os bancos) e o capital de livre concorrência se salda geralmente pela vitória do primeiro, isto é, do imperialismo.

Temos pois de verificar que Lenin tinha razão: o capitalismo criou o imperialismo e criou simultaneamente os elementos propícios à sua destruição. O imperialismo matou e continua a matar o capitalismo. Com efeito, as transformações profundas realizadas nas relações de forças no âmbito da livre concorrência levaram aos monopólios, à acumulação gigantesca do capital financeiro privado no interior de certos países e, como consequen-

ência disso, ao domínio político destes pelos monopólios, o que os transformou em *países imperialistas*. Esta nova situação está na origem de uma confrontação permanente, aberta ou não, “pacífica” ou não, entre os países imperialistas que procuram novos equilíbrios na relação de forças, em função do grau relativo de desenvolvimento das forças produtivas e da necessidade crescente tanto de obter matérias-primas como de conquistar mercados, isto é, da realização insaciável de mais-valia ou de rendimento para o capital financeiro.

Com base numa análise tão lúcida e realista, era normal que Lenin extraísse conclusões importantes para o desenvolvimento ulterior da luta contra o imperialismo. Entre essas conclusões, estas parecem-nos extremamente ricas em consequências:

- A acumulação desenfreada do capital financeiro e a vitória dos monopólios como fase última da apropriação privada dos meios de produção com o agravamento da contradição entre essa apropriação e o carácter social do trabalho produtivo – criaram as condições propícias à revolução, que progressivamente acabará com o regime capitalista, atualmente representado pelo imperialismo.
- É possível, necessário e urgente fazer a revolução, se não em vários países, pelo menos num, principalmente no momento em que a agressividade característica do imperialismo se manifesta numa guerra entre os países capitalistas para uma nova partilha do mundo (Primeira Guerra Mundial).
- A criação de um Estado socialista desferirá um golpe decisivo no imperialismo e abrirá novas perspectivas ao desenvolvimento do movimento operário internacional e do movimento de libertação nacional.
- É possível uma nova confrontação armada entre os Estados imperialistas-capitalistas, pois a hipótese do ultra-imperialismo ou super-imperialismo, que resolveria as contradições entre os Estados imperialistas “é tão utópica como

a da ultra-agricultura”. Essa confrontação enfraquecerá inevitavelmente o imperialismo (Segunda Guerra Mundial). Criar-se-ão assim condições mais favoráveis para o desenvolvimento das forças cujo destino histórico é destruir o imperialismo: instalação do poder socialista em novos países, reforço do movimento operário internacional e do movimento de libertação nacional.

- Os povos oprimidos da África, da Ásia e da América Latina são necessariamente chamados a desempenhar um papel decisivo na luta pela liquidação do sistema imperialista mundial, de que são as principais vítimas.

Estas conclusões de Lenin, explícita ou implicitamente contidas na sua obra consagrada ao imperialismo e confirmadas pelos fatos da história contemporânea, são mais uma notável contribuição para o pensamento e para a ação do movimento de libertação.

Sendo marxista ou não, leninista ou não, é difícil a alguém não reconhecer a validade, mesmo o caráter genial da análise e das conclusões de Lenin, que se revelam de um alcance histórico imenso, iluminando com uma claridade fecunda o caminho quantas vezes espinhoso e mesmo sombrio dos povos que se batem pela sua libertação total do domínio imperialista.